

ROTACISMO: uma descrição do fenômeno na fala de Cascavel/PR**ROTACISM: a description of the phenomenon in Cascavel / PR's speech**

DOI:10.34117/bjdv6n11-395

Recebimento dos originais: 16/10/2020

Aceitação para publicação: 18/11/2020

Sanimar Busse

Doutorado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina/UEL.
 Professor efetivo (dedicação integral) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste.
 Instituição: UNIOESTE – Cascavel
 Endereço: R. Universitária, 1619 - Universitário
 Cascavel - PR - Brasil
 CEP: 85819-110
 E-mail: sani_mar@yahoo.com.br

Tathiane Cristino

Mestranda em Letras (Área de concentração Linguagem e Sociedade)
 Instituição: Unioeste - Cascavel
 Endereço: R. Universitária, 1619 - Universitário
 Cascavel - PR - Brasil
 CEP: 85819-110
 E-mail: tathianecristino@gmail.com

RESUMO

Dado o fato de a língua sofrer mudanças a todo o momento, é essencial o estudo das relações entre a estrutura e as condições sociais e culturais que conduzem a realização da fala. A heterogeneidade linguística pode ser tomada, portanto, como efeito da vivência social dos falantes, em que a variação linguística caracteriza-se como elemento que captura os fenômenos socioculturais e as diferentes vivências de uma comunidade de fala. Em face de tais premissas, este trabalho tem o objetivo de discutir acerca de uma das variantes descritas pelo estudo da variação e da mudança linguística: o rotacismo. Na literatura linguística, a troca do fonema consonantal lateral [l] pela vibrante [r] compreende o fenômeno do rotacismo. Para o estudo desse fenômeno, a discussão aqui proposta ampara-se nos princípios da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, para descrição e análise de dados no Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010). O resultado preliminar indica que o rotacismo é um fenômeno vivo e presente na fala e, que, além disso, tais compartilhamentos resultam em atos de diversidade linguística, e compreendê-los, sobre esse prisma, significa entender os meios pelos quais as variáveis são movidas.

Palavras-chave: Rotacismo, língua, variação.

ABSTRACT

Given the fact that the language undergoes changes at all times, it is essential to study the relationships between the structure and the social and cultural conditions that lead to speech. Linguistic heterogeneity can be taken, therefore, as an effect of the social experience of speakers, in which linguistic variation is characterized as an element that captures socio-cultural phenomena and the different experiences of a speech community. In view of such

premises, this work aims to discuss about one of the variants described by the study of variation and linguistic change: rotacism. In the linguistic literature, the exchange of the lateral consonant phoneme [l] by the vibrant [r] comprises the phenomenon of rotacism. For the study of this phenomenon, the discussion proposed here is based on the principles of Sociolinguistics and Pluridimensional Dialectology, for the description and analysis of data in the Geosociolinguistic Study of Speech in Western Paraná (BUSSE, 2010). The preliminary result indicates that rotacism is a living phenomenon and present in speech and that, in addition, such sharing results in acts of linguistic diversity, and understanding them, in this light, means understanding the means by which variables are moved .

Keywords: Rotacism, language, variation.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pauta-se nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialectologia Pluridimensional. Pesquisas nestas áreas contribuem para a descrição da língua e para o reconhecimento da identidade linguístico-cultural da comunidade. Além disso, os estudos sobre a língua, no âmbito da diversidade, podem auxiliar no reconhecimento de áreas e zonas de conservação e inovação.

A Sociolinguística estuda a ligação entre os fenômenos linguísticos e os contextos de uso da língua e descreve os registros orais de falantes inseridos numa comunidade de fala, os quais partilham com os demais membros desse grupo uma gama de experiências e atividades. Sendo assim, a disciplina supracitada tem como objeto de estudo a língua falada, “o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana” (LABOV, 2007, p. 2), na sua manifestação mais espontânea.

A Dialectologia é o campo dos estudos linguísticos que tem por base a investigação da situação da língua, principalmente sua variação, analisando-a “conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). A Dialectologia organiza-se em dois momentos: as pesquisas monodimensionais contemplam somente a arealidade ou o espaço geográfico, enquanto o trabalho Dialectológico aliado à Sociolinguística traz a possibilidade de transportar o estudo monodimensional para o campo bidimensional da variação linguística, constituindo-se como função da Dialectologia Pluridimensional, uma vez que abarca, além da dimensão diatópica, a diastrática, a diassexual³ e a diageracional⁴.

A língua é viva e muda constantemente. Alkmim (2011) argumenta que “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (ALKMIM, 2011, p. 41). Desde os primórdios, os fenômenos linguísticos fazem parte do modo com que cada falante faz uso de sua língua.

Em face de tais premissas, o objetivo deste estudo consiste em descrever e analisar o fenômeno do rotacismo na fala de Cascavel/PR, isto é, a anulação dos traços distintos dos fonemas [l] e [r], em dados coletados por Busse (2010).

2 O ROTACISMO

O rotacismo faz parte da classe de fenômenos mais registrados no português brasileiro. Amaral (1982) descreve a troca da consoante lateral pela consoante vibrante alveolar como “um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 1976, p. 52).

A respeito do rotacismo, Bagno (2005) o define como marcas que se distanciam das regras gramaticais da escola e dos dicionários, o pesquisador vem desmitificando o conceito de que “pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2005, p. 40-43). O que é, então, definido como suposto erro, consiste, na realidade, em uma continuação de uma tendência antiga na nossa língua, pois conforme postula Teyssier (2004), a troca de [l] por [r] trata-se de uma propensão natural percebida na evolução das línguas românicas, cuja raiz é o latim vulgar, visto que, em uma variedade de casos, o [l] converteu-se em [r] na língua portuguesa, como a mudança de “obligare” para “obrigar”. Até mesmo na produção de Camões, em sua conhecida obra clássica *Os Lusíadas*, há o registro da variação em seus famosos versos: frauta, frecha, pranta, pruma (COX, 2008, p. 2).

A esse processo de transformação da língua dá-se o nome de metaplasmos. Os metaplasmos não se classificam somente pela transição do latim para o português, pois é possível observar que tais manifestações ocorrem de quatro formas: por aumento, por supressão, por transposição e por transformação (BOTELHO; LEITE, 2005), e modificam a língua hodiernamente.

Ademais de o fenômeno supracitado proceder do latim vulgar, a Sociolinguística nos mostra que o surgimento das variantes linguísticas está condicionado a variáveis internas e externas da língua, as quais atuam na realização da fala. No que diz respeito às variáveis internas, encontram-se os “fatores de natureza fonomorfofossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais” (MOLLICA, 2010, p. 11). No campo das variáveis externas estão os fatores sociais (escolarização, classe social, renda) e os fatores próprios do falante (sexo e idade). Tarallo (2001) disserta sobre como alcançar o conhecimento acerca de uma língua: “é somente através da correlação entre fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a

um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única: cada falante é um caso individual” (TARALLO, 2001, p. 62).

Cardoso e Ferreira (1994) salientam que falantes correspondentes a uma mesma língua, mas moradores de distintas regiões, dispõem de diferentes aspectos linguísticos e “se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação” (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 12). Em vista disso, é compreensível o fato de se encontrarem variados falares no país, e o que presume, ademais, que um dialeto somente existe se for usado por uma comunidade regional.

Conforme supracitado, o rotacismo ocorre por meio da troca da lateral líquida [l] pela vibrante simples ou tepe [r] (SILVA, 2011), como, por exemplo, “blusa” por “brusa”. Essa neutralização dos dois fonemas surge, possivelmente, devido ao fato de os fonemas terem o ponto articulatorio muito próximo, conforme pontuam Mollica e Paiva: “ocorrendo na palavra um outro segmento líquido, no caso [lateral], a líquida lateral presente na palavra tende a assimilar, transformando-se em [r]. É o que ocorre, por exemplo, na palavra *flora* passando a *frora*” (MOLLICA; PAIVA, 1991, p. 182, grifos das autoras).

A prática do rotacismo ocorre, então, em três contextos silábicos: em coda medial, como em *alface* > *arface*, em coda final, *sal* > *sar* e em grupos consonantais, *globo* > *grobo*. Verificaremos na fala de Cascavel/PR quais são os contextos em que o fenômeno é mais encontrado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os trabalhos que se voltam para a descrição da língua, do ponto de vista da heterogeneidade, consideram a fala um campo produtivo para a observação dos registros dos diferentes fenômenos. No que se refere à metodologia de coleta dos dados, é preciso observar a fala a partir dos contextos internos e externos. Nessa perspectiva, trata-se, pois, de descrever os dados em diferentes dimensões a partir das variáveis eleitas.

A pesquisa aqui proposta tem como *corpus* dados de fala coletadas por meio de entrevistas realizadas por Busse (2010) em Cascavel/PR, para o Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná. Os dados foram colhidos de respostas ao questionário fonético-fonológico, composto por 84 questões e aplicado a 08 informantes do município, considerando as variáveis sexo, escolaridade e faixa etária, conforme quadro abaixo:

Quadro 01 – Dimensões e parâmetros diatópicos e socioculturais

DIMENSÕES		PARÂMETROS
SOCIOCULTURAL	Diastrática	EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto)
		EMI (Ensino Fundamental completo ou Ensino Médio incompleto)
	Diageracional	G I (18 a 35 anos)
		G II (45 a 65 anos)
	Diassexual	Masculino
		Feminino

Fonte: Busse (2010, p. 118)

Dentre as 84 questões foram selecionadas 8 em que a rotacização poderia estar presente nas respostas:

Quadro 02 – Questionário

1. PÓLVORA ... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?
2. ALMOÇO ... uma refeição que se faz, em geral, às 12 horas?
3. SAL O que é preciso colocar na carne para temperar?
4. CLARA No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca?
5. PLANTA Para ter flores no jardim, depois que se prepara a terra, o que é que se faz? [Costuma-se dizer; Só colhe quem__?]
6. SOL ... aquilo que brilha no céu?
7. PLACA O que é que se põe nas estradas para indicar as direções, avisar de desvios? [O que é que se põe nos pára-choques dos carros para identificar, uma coisa assim (mímica), com números]
8. BICICLETA ... aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
9. AZUL Que cor é o céu, quando ele não está assim nublado?

Fonte: Busse (2010, anexo em CDrom)

As varáveis sociais eleitas para a pesquisa buscavam identificar os processos de mudança em curso e concluída a partir de grupos colonizadores da região (sulistas descendentes de

alemães e italianos) e de falantes que migraram para a localidade a partir das décadas de 1970 e 1980, oriundos do norte do Paraná e da região sudeste do Brasil.

A variável escolaridade vem sendo adicionada aos estudos linguísticos, sua inserção nas análises justifica-se pela necessidade de se compreender as relevantes diferenças quanto aos usos linguísticos de uma comunidade de fala escolarizada e não-escolarizada. Presume-se que, ao ter uma maior proximidade com a língua padrão, a comunidade escolarizada tende a recusar formas inovadoras e variantes não-padrão.

Ao considerar a variável faixa etária, é indispensável distinguir o que é mudança individual e o que é mudança histórica: a variável pode retratar mudança em uma comunidade de fala no que diz respeito ao tempo ou mudança na fala do indivíduo em relação ao seu tempo de vida. Para trabalhar com a complexidade presente nessa variável é importante considerar outros fatores sociais ao analisar a língua, pois o estudo conjunto pode apresentar as seguintes situações:

- a) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade muda;
- b) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade também permanece estável;
- c) A fala do indivíduo muda e a comunidade permanece estável;
- d) A fala do indivíduo muda e a comunidade também muda (COELHO, 2010, p. 81).

Essa variável associada aos demais fatores linguísticos proporcionam dados essenciais ao entendimento das estabilidades e das mudanças na fala da comunidade e do indivíduo.

Ao longo da história e dos estudos linguísticos, a variável sexo cumpriu um importante papel para o entendimento dos fenômenos da linguagem, a partir dela é possível identificar as prováveis diferenças entre a fala dos homens e das mulheres, uma vez que a fala de ambos é distinta. No entanto, nos estudos amparados pela Sociolinguística e Dialectologia é necessário que as variedades supracitadas (escolaridade, faixa etária e sexo) se mesquem para que os resultados coletados sejam os mais legítimos possíveis.

A localidade foi investigada a partir de três regiões: uma localizada mais a Oeste, Sede Alvorada, próxima de Toledo/PR, colonizada por descendentes de alemães e italianos, outra mais a Leste, Juvinópolis, que concentrou grupos oriundos de São Paulo e Norte do Paraná, e outra em bairros da área central de Cascavel.

O município de Cascavel pode ser descrito pelo pluralismo linguístico, pois é marcado por aspectos de mudança, de conservação e de traços linguísticos. Conforme Busse (2010),

O objetivo de formar uma região produtiva e livre para implantar o modo de vida semelhante ao vivido nas colônias de origem (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) realizou-se na presença de habitantes remanescentes de outras épocas, como na região de Guaíba (paraguaios, indígenas, paranaenses do norte e noroeste, baianos, paraibanos, pernambucanos e cearenses), das lavouras de erva-mate e hortelã (BUSSE, 2010, p. 98).

De acordo com a historiografia local, o trabalho com a madeireira foi primordial no auxílio da transformação e do desenvolvimento econômico da cidade de Cascavel/PR. Além disso, o setor contribuiu para o início do povoamento do município, uma vez que abrangia uma maior quantidade de negócios em comparação com os outros setores da indústria: “o ciclo da madeira, entre os anos 30 e 40, atraiu grande número de famílias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e em especial colonos poloneses, alemães e italianos que, juntos, formaram a base populacional da cidade” (PORTAL, 2012, s.p).

A formação da cidade reflete o encontro de diferentes culturas convivendo com fatores linguísticos diversos, culminando na troca de elementos da língua e proporcionando dados que enriquecem os estudos do Português falado no estado do Paraná.

4 UM PANORAMA DOS DADOS

Durante a análise das entrevistas, constatou-se que o fenômeno do rotacismo é nulo em coda silábica final. A nulidade é justificada pela transformação da consoante lateral [l] na semivogal [w], fenômeno classificado como vocalização.

O rotacismo foi encontrado nas palavras “pórvora”, “armoço” e “pranta”.

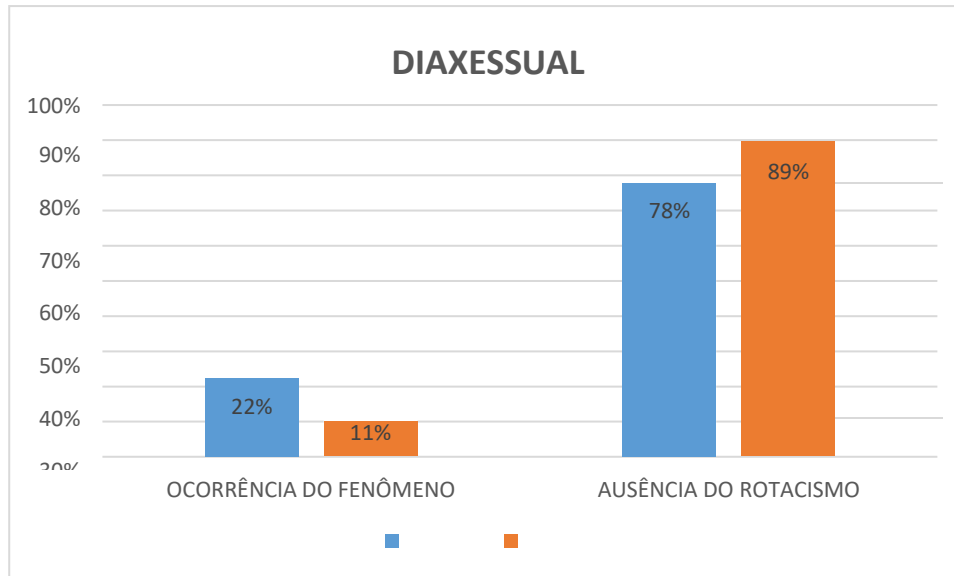
A coda silábica medial, assim como a final, só podem ser ocupadas pelas consoantes [l], [r], [s] e [n] ou por uma semivogal sonora, com exceção ao [s]. A consoante lateral pode ser realizada em coda nos seguintes contextos: vocalização, apagamento, velarização, alveolarização a rotacização. Desse

modo, escreve-se papel, jornal, Brasil e fala-se pape[w], jorna[w], e Brasi[w] ou ainda, palpe[] pape[] e papé[Ô]. A rotacização e apagamento são as formas estigmatizadas.

O encontro consonantal caracteriza-se pela junção de duas ou mais consoantes sem a presença da vogal intermediária. Existem duas formas de grupos consonantais: as que surgem do contato de duas consoantes advindas de sílabas distintas, como porta e lista e as que surgem do contato de consoantes na mesma sílaba, pedra e plano. O fenômeno do rotacismo em grupo consonantal ocorre nesse contexto. Em um primeiro momento pôde-se identificar que tanto falantes do sexo masculino como falantes do sexo feminino propendem ao rotacismo. Contudo, mulheres apresentaram menos ocorrências

do que homens. Os resultados coletados estão, abaixo, no gráfico a seguir:

Gráfico 1- Dimensão diaxessual



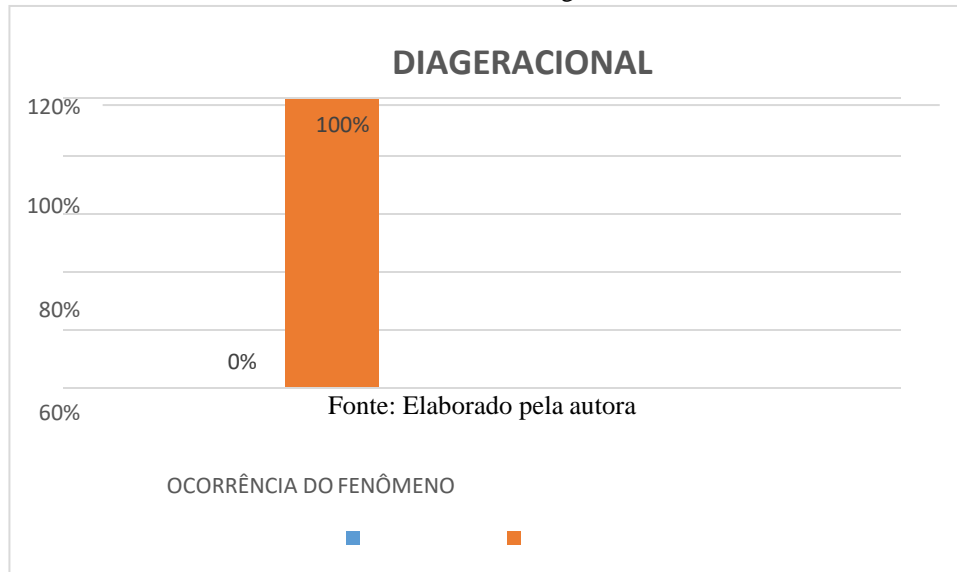
Fonte: Elaborado pela autora

As considerações abordadas ao longo do tempo referentes à variável sexo não determinam a realidade de todos os fenômenos presentes na língua. Para a Sociolinguística, a variável sexo é somente um componente do grupo de variações extralinguísticas. E, além disso, ao falar sobre a variante sexo é preciso ter cuidado, pois a mesma não está respaldada apenas por fatores linguísticos, mas também por especificidades de organização social dos grupos. É necessário refletir sobre os distintos papéis sociais de homens e mulheres impostos historicamente.

Contudo, o fato de, nesta pesquisa, a realização do fenômeno ser mais baixa na fala das mulheres, mostra que há comportamentos linguísticos distintos entre os sexos, pois na maior parte dos casos, as mulheres tendem a enaltecer a variante de prestígio e se adequam a ocorrências em que as inovações não sofrem preconceitos. Segundo Busse, “as mulheres são mais conscientes do status social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais” (BUSSE, 2010, p. 112). E, se tratando de um fenômeno que sofre estigmatização, é possível que as mulheres tendem a ter menos ocorrência sobre ele.

A idade, segunda variável a ser abordada, mostrou-se como fator determinante para a presença do rotacismo nesta pesquisa. Não foram constadas presenças do rotacismo na fala de indivíduos de até 35 anos, somente em falantes de 65 anos o fenômeno fez-se presente:

Gráfico 2- Dimensão diageracional



Diante do exposto, é possível considerar o fato de que os idosos tendem a conservar suas variantes de origem, pois o rotacismo é um traço conservador dos grupos de origem dos falantes (norte do Paraná, São Paulo e Minas). E entre falantes sulistas do sexo masculino, mais velhos, em alguns casos, também é possível verificar a ocorrência, muito provavelmente pelo contato com falantes que registram o fenômeno.

Com a variável escolaridade obteve-se, também, um resultado parcial. Contudo, o maior número de registros do rotacismo esteve presente na fala do informante com Ensino Fundamental completo.

A dimensão escolaridade torna-se importante, principalmente, em trabalhos que discorrem sobre o rotacismo, pois a escola irá prestigiar a língua padrão e, desse modo, é possível verificar a influência do ambiente escolar sobre o fenômeno, ou seja, independentemente do nível de escolaridade, o rotacismo está na fala dos informantes, pois reflete a sua identidade linguística.

Os dados aqui apresentados, ainda de forma preliminar, auxiliam na compreensão da realidade linguística da comunidade. O rotacismo apresenta-se como um fenômeno que sofre avaliações entre os falantes, principalmente na variável sexo. E, apesar de, neste caso, o fenômeno aparecer na fala dos mais idosos, não é possível afirmar que o rotacismo esteja sumindo na sociedade. Segundo Busse

[...]Podemos apontar algumas condições que julgamos estarem atuando favoravelmente para esse quadro: (i) a disseminação do rotacismo; (ii) o crescimento urbano e a migração de pessoas de todas as regiões do Paraná e do Brasil para a região Oeste do estado, mesmo nas localidades mais homogêneas, pelo crescimento do agronegócio; (iii) o comércio e o turismo na região de fronteira com o Paraguai e Argentina, tanto em Foz do Iguaçu como em Guaíra, cujos efeitos se alastram pelos municípios vizinhos. O fenômeno de disseminação

da variante linguística inovadora em comunidades mais tradicionais também está relacionada às crenças e atitudes linguísticas dos falantes (BUSSE, 2010, p. 147).

A língua faz parte da cultura do indivíduo, e, assim sendo, o falante tende a preservar seus traços linguísticos como forma de mostrar sua identidade. Desse modo, os jovens podem ser considerados como implementadores desta variação em comunidades tradicionais, pois o fenômeno pode ser passado de geração para geração. Além disso, conforme supracitado, a mestiçagem presente na região fronteira favorece a implementação do fenômeno em toda a região Oeste.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de análise realizado por meio das variáveis serviu como base para o alcance dos resultados, uma vez que a disseminação dos dados no que diz respeito aos aspectos de idade, de escolaridade e de sexo, resulta numa análise mais completa e objetiva, tendo a necessidade de gráficos a fim de melhorar a apresentação.

Os resultados desta etapa da pesquisa demonstram que os jovens tendem a monitorar mais a fala aproximando-a da variante padrão do que os mais velhos, mas não significa a inexistência do rotacismo na fala dos mais novos. Outro ponto ressaltado foi o fato de homens liderarem o índice do fenômeno, mostrando que há comportamentos linguísticos distintos entre os sexos, determinado, muito provavelmente, pela avaliação da comunidade. Falantes do sexo feminino são mais suscetíveis à adoção de variedades prestigiadas.

E mesmo verificando que os modos de articulação são próximos e que se trata de um fenômeno que existe antes mesmo da estruturação da língua portuguesa, ainda há tentativas de rechaço por ser tratar de uma forma variante estigmatizada, em Cascavel/PR, devido à posição social dos falantes que registram o rotacismo. Porém, o fenômeno está vivo na língua portuguesa e continua proporcionando aos pesquisadores da linguagem uma série de possibilidades de análise.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tania. Sociolinguística — Parte I. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2005. BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. *Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

BUSSE, Sanimar. *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná*. 2010. 286f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UUEL, Londrina, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. COX, Maria Inês Pagliarini. Línguas misturadas: para além de bem e mal. *Revista Linguagem*. 4. ed. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_020.php>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994. LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, p.1-2 ago. 2007. (Trad. Gabriel de Ávila Othero). ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov>. Acesso em: 02 abr. 2017.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição. Restrições estruturais atuando na relação entre

[l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em Português. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n.11, p.180-182, 1991.

PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL. *A Cidade*. 2012.

Disponível em:

<<http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Brazilian Journal of Development

SILVA, Thaïs Cristófar. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.